EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA
Propriedade : Instituto Politécnico da Guarda
Director : **João Raimundo**
Redacção : **Serviços Centrais do IPG - Quinta do Zâmbito**
6300 Guarda * Telf. 222634 * Fax 222690
Composição : **Gabinete Editorial do IPG**
Execução Gráfica e Impressão : **Secção de Reprografia do IPG**
Depósito Legal **nº 17.981/87**
Periodicidade : **Semestral**

nº X - Julho de 1992

Reprodução total ou parcial proibida

Capa : Vista parcial do edifício do Pólo de Seia do
Instituto Politécnico da Guarda

UM PROJECTO, UMA OBRA...

A edição deste número coincide com o final de mais um ano lectivo e outrossim com o epílogo da nova estrutura física do Instituto Politécnico da Guarda.

Símbolo da modernidade e do progresso, este Instituto é, já no presente, uma resposta credenciada às exigências das próximas décadas e uma via de futuro para os cerca de três milhares de jovens que o irão frequentar a partir de Outubro.

Será, então, ampliado neste estabelecimento de ensino superior o leque de cursos que são indispensáveis à actual e futura conjuntura de desenvolvimento regional, empresarial e industrial, cujo percurso tem de ser pautado pela necessidade de se marcar uma presença digna, activa e de qualidade no cenário europeu.

"Nómadas do mundo, teremos de ser agora sedentários conviventes nesta Europa onde sempre coubemos mal e nunca nos soubemos realizar", **como escreveu Miguel Torga.**

E esta presença tem sido bem afirmada pelo Politécnico da Guarda, através das suas múltiplas relações com estabelecimentos de ensino congéneres.

Cumpriu-se um projecto. O Instituto Politécnico é uma realidade resultante de um trabalho planificado, de uma ideia assumida, da resposta consciente a objectivos definidos, tendo subjacente a comunidade regional. O IPG é, bem poderemos dizer, uma obra impulsionada pela " força de um sonho inteiro".

João Raimundo
Presidente do IPG

O CONTO POPULAR INFANTIL

Micaela Melo*

"Não é desde o início que os Deuses revelam tudo aos mortais.
Mas com o tempo descobrimos, procurando o melhor."

Xenófanes

É indiscutível a origem oral dos contos populares portugueses. A confirmá-lo, surge um dado de carácter histórico: a compilação dos primeiros contos populares portugueses, só no alvorar do século XV, no *Livro do Conde Lucanor*, de Dom João Manuel.

Porém, de mais difícil distinção, é, sem dúvida, a delimitação do corpus textual que permitirá configurar o conto popular português. Como lucidamente refere José Gomes Ferreira, *"Muitos dos contos a que nós chamaríamos nossos fazem parte de uma tradição popular europeia e até universal. Custa-nos a compreender como é que a nossa Gata Borralheira se mudou na história do sapatinho de cristal ou de ouro da Cinderella, da Cenicienta ou da Staéputa grega".*(1)

* Técnica Superior Estagiária no IPG

(1) - Como facilmente se compreende não poderíamos recorrer a todas as histórias que a nossa tradição popular, aliás riquíssima, nos apresenta. Assim sendo, baseámo-nos nos seguintes textos: a história da *Casa da Floresta*, a história de *Pedro das Malas Artes*, as *Adivinhas em Anexins*, o *Compadre Diabo*, *A Bilha de Leite e a Cabacinha e o Lobo*. Estas designações não são, de modo algum, convencionais, apenas optámos por dar um título não distante da versão corrente, com o objectivo de facilitar a identificação e o estudo de cada uma delas. Apenas optámos por dar um título a cada uma das histórias, não distante da versão corrente, baseando-nos na obra já citada de José Gomes Ferreira, com o objectivo de facilitar a identificação e o estudo de cada uma delas. No entanto, por se tratar de histórias da tradição popular oral, julgamos, deste modo, justificada a liberdade que usámos.

Restará, se outra justificação não for aceite, a ideia de que a tolerância é a consequência necessária do reconhecimento de que todos somos falíveis. Então, como dizia Voltaire, perdoemo-nos uns aos outros as nossas loucuras.

Porém, é possível distinguir um conjunto de textos, bastante numerosos, de origem autóctene, que normalmente não se encontram presentes em traduções ou versões estrangeiras, emergindo apenas em outtras manifestações da nossa cultura como os adágios ou os prolóquios que, a todo o momento, apresentam alusões a esses mesmos contos. Certo é que aparecem inúmeras versões literárias, no entanto falta-lhes a dimensão espiritualíssima da história contada, de geração em geração, como legado maravilhoso. É esse maravilhoso que perdura, porque a uni-lo ao presente estão os laços de sangue ou da amizade daqueles que esperaram em nós também a perpectuação das relíquias do passado.

É esse universo que se encontra espelhado na enorme variedade temática dos contos infantis que será objecto da nossa análise, sem menosprezar, no entanto, a faceta que lhes concede todo o seu enorme poder sedutor: a reflexão e a questionação do real vivido, através da delimitação de alternativas paralelas às do caminho da vida, sempre tão presentes: a do sonho e a da fé.

O conto caracteriza-se por uma forma de imaginar o real que se prende a um esquema mais ou menos fixo: sucessão de episódios ligados pela copulativa *"e"*, o que se coaduna com o carácter tipicamente oral das histórias e, ainda, com o mais rápido cumprir da tarefa, sem apresentação prévia das personagens que progressivamente vão sendo desnudadas pelas acções que praticam ainda que, casulamente, possam, ocorrer referências ingénuas e incompletas, quer ao aspecto físico *"uma menina muito bonita"*, complementadas, por vezes, por outras de carácter psicológico *"muito trabalhadora"*, *"bondosa e obediente"*, rematadas por um final moralizador (explícito ou não)[2] .

As características do conto popular infantil distinguem-no do conto meramente literário. Se este do ponto de vista estético-literário poderá ganhar a justa dimensão da sua grandeza, que a classificação enquanto género literário lhe concede; o conto popular infantil reflecte uma variedade de cores, de inigualáveis matizes que pintam um universo rural, em primeira instância, que transcendem para, em segunda instância, ganhar foros de autêntica reflexão sobre os problemas existenciais do homem, ainda que velada por uma "aparente" superficialidade no tratamento de temas, de acção e, ainda, na abordagem das personagens, transfigurada pela presença de figuras orbívagas do domínio do imaginário colectivo infantil e até adulto: o lobisomem, o papão, a bruxa, as fadas, os magos, os gigantes e anões.

---

(2) - Ainda que não estejam totalmente ausentes os traços caracterizadores de cariz disfórico, estes são bem menos frequentes. Quando surgem, é com o objectivo de marcar a oposição Bem/Mal. É o caso do lobo mau e comilão da história da velhinha que virou cabaça; da velha bruxa, das *Adivinhas em Anexins*, por exemplo.

No reino de 'Era uma vez'...

Das brumas dos contos infantis ressurge uma galeria de personagens. Revestidas de um carácter majestático e imponente, quer pelos destinatários previlegiados, quer pelos emissores propriamente ditos das histórias - normalmente adultos ou crianças mais velhas. Esse carácter transcendente é, desde logo, sugerido habilmente, pela frase introdutória *"Era uma vez"*, onde o artigo indefinido representa, ao mesmo tempo, uma clara distanciação em relação a um tempo histórico, criando-se assim uma categoria temporal especial: à margem do tempo... Coadjuvado pelo uso do imperfeito do indicativo do verbo *"ser"* que tem o condão de nos transportar a um tempo indeterminado, marcando a a-historicidade do conto popular infantil e, deste modo, conferir-lhe uma dimensão universalista.

Em termos de espaço, também persiste uma grande indefinição, sobre o lugar onde a acção se projecta.

Com o objectivo de facilitar o estudo do espaço nos contos populares infantis, diremos que os podemos dividir em três partes ou quadros[3]: o primeiro, (a que, no conto literário, corresponderá a introdução), onde se apresenta uma situação geradora de conflito, já que nele aparece esboçada uma situação que permitirá oferecer continuidade à acção, através do dilenear de sonhos ou desejos que serão concretizados ou não: o pai pobre que não pode sustentar os filhos, a velha bruxa que quer enganar o marido, mas ainda não sabe como, a rapariga que quer casar mas não tem dinheiro para pagar o dote, a avó sem forças que pretende estar presente na festa de baptizado do neto, mas tem de empreender uma longa viagem; um segundo quadro onde se apresentam as soluções, viáveis ou não, para a resolução do conflito e um terceiro e último quadro, mais pequeno, de remate ou conclusão da história que se caracteriza pela intervenção de uma personagem exterior ao universo no qual as personagens se movem. Rematam-se, normalmente, por um final de âmbito moralizador e a que corresponde, no chamado conto literário, à conclusão da história que pode ser aberta ou fechada.

Estes são os dramas do quotidiano alheio e próprio que são salientados de formar a pintar uma gigantesca tela da miséria da condição humana, num fantástico e irresolúvel contraste claro/escuro, entre o Bem e o Mal. Consciência disso, tem os contadores (e já antes deles os "fazedores de histórias", se é que se pode falar de "fazedores de histórias" num género marcadamente oral, resultante do acumular de "pontos", pois não é verdade que, como o reconhece a sabedoria popular, *"quem conta um ponto acrescenta um ponto"*?), ao apresentarem os conflitos,

---

(3) - Ainda que não seja um esquema fixo e inalterável, muitas vezes, porém, é respeitado.

aparentemente irresolúveis, mediante a intervenção de uma personagem de poder transcendente, pertencendo ao domínio do extraordinário, (porque na vida de todos os dias não nos cruzamos com elas), ou do poder metafísico: Anjo Custódio, Nossa Senhora, o Menino Jesus; ou do poder terreno: Rei, Rainha, Príncipe. Daí o realismo do imaginário popular que resulta da consciência clara da impossibilidade de destrançar por si só os embrenhados meandros do confuso e desconcertado mundo! De facto, esta é a clara reafirmação do imaginário como catarse do real e, ao mesmo tempo, como censura implícita à impossibilidade do homem *"bicho da terra vil e tão pequeno"* de se desembaraçar da carapaça de ódios, invejas e perseguições, libertando-se, enfim, para o supremo bem: a felicidade, tão almejada, mas, raras vezes, conseguida. Esta afirmação toma tanto maior importância quanto, como de resto já foi sublinhado, só mediante estas intervenções exteriores ao sujeito (e não interiores) se resolvem os impasses.

Da realidade contada à vida sonhada

A denúncia de uma situação real "hic et nunc", está, também, indossuluvelmente ligada a um conceptualismo formal, atingindo os limiares da linguagem literária, cuja explicação mais viável residirá na radicação deste fenómeno como típico da linguagem popular, presente no seu registo oral. Através do jogo de palavras, ligado, a título de exemplo, na história da casa da floresta[4], aos vários significados do substantivo *"mundo."* Numa primeira instância, deve ser considerado como substantivo próprio, mas, imediatamente, esta significação é "ultrapassada" pela significação do lexema enquanto substantivo comum. Veja-se a fala da velha *"Ai mundo, mundo que, de um em um, não deixas nenhum"*, onde se procede à questionação da lógica que está subjacente à regulamentação do mundo, num eterno ciclo de Vida/Morte. Ou então da poesia inserida na história da menina a quem a madrasta enterrou no quintal, junto à figueira, quando seu pai se encontrava ausente, de que resulta, desde já, a consciência da poesia (e, naturalmente, da literatura, em geral) enquanto meio previligiado de denúncia de situações, aparentemente irresolúveis[5]. Ou mesmo do tal outro caso do

(4) - Quando a velha se dirige ao seu gato que, não por acaso, se chamava "Mundo", acusando-o, justamente, segundo pensava, de lhe ir roubando os bolinhos, enquanto os meninos iam saciando a fome ...

(5) - Reconhecendo enfim a importância privilegiada da poesia como meio de denúncia de uma situação.

refrão daquela outra história de que se perdeu a continuação[6] *"Corta, pai, corta, que já é noite"* que, ainda, vem realçar o carácter lúgubre da prece da criança, frisando o inconformismo perante as resoluções paternas. Curioso é de referir a recorrência do tema do **abandono**, normalmente no meio da floresta, fazendo, assim, eco ao terror infantil do medo da renúncia e do exílio do ninho materno.

Outro tema recorrente é também o da **viagem**, quer propriamente dita: o filho que parte à procura de fortuna; quer psicológica (a rapariga sonhadora que transporta a bilha de leite à cabeça). Neste último caso, será de ressaltar a importância do domínio do simbólico que se agiganta onde se projecta a dicotomia da **sonho/realidade.** Daí parte, também, uma outra dualidade opositiva que consiste na **oposição cromática claro/escuro,** entre o leite e o barro da bilha, entre enfim a beleza do sonho e a dureza da realidade. Mas a união entre a realidade vivida e o sonho sonhado não se processa porque a rapariga escorrega e o leite derrama-se pelo chão! Mas a união entre a realidade vivida e o sonho sonhado não se processa, porque a rapariga escorrega e o leite derrama-se pelo chão. Fazendo lembrar aquele ditado popular *"Deus dá nozes a quem não tem dentes"*. A rapariga chora e lamenta-se. Procurando o alívio para a sua dor. Lágrimas tristes de quem sabe não ter razão.

O "topos" da **sabedoria** está presente em todas as histórias que mais não seja na lição moralizante do final, ainda que seja o tema principal das *Adivinhas em Anexins*. O rei fala com um camponês, perto da casa deste, mantendo com ele um breve diálogo, numa linguagem, eivada de subjectividade, repleta de palavras dúbias, tão ao gosto das gentes do campo, num tão útil quanto eficaz exercício de agilidade mental. Pergunta-lhe o rei *"Quantas vezes queimaste a casa?,"* seguindo-se uma asserção *"Quanta neve vai na serra!* " e, perante a indiferença dos ministros, diz *"Se cá aparecerem três patos, depena-os!"*. A falta de sabedoria, neste caso dos ministros, custar-lhes-á não só serem "depenados", isto é, despidos, (presta-se aqui o esclarecimento para que ninguém passe por situações

---

(6) - Faz-se aqui um breve resumo da história a fim de se facilitar a compreensão geral. Certo dia, um pai que não tendo meios de sustentar o filho, resolveu abandoná-lo na floresta, a fim de que os lobos o comessem. Levou-o para o mais escuro da floresta, deu-lhe uma côdea de pão e disse-lhe: *"Espera aqui até o teu pai acabar de cortar lenha que eu depois venho buscar-te"*. Dito isto, afastou-se um pouco e pendurou um cata-vento numa árvore para que, batendo-lhe o vento, imitasse o som do cortar da lenha. O filho, já noite cerrada, ouvia o som do cata-vento e, pensando que se tratava do pai, repetia *"Corta, pai, corta que já é noite"*. Nesta história, está presente também um outro tema omnipresente tanto na literatura como na vida: o da mentira. Se, neste caso, a vítima da mentira é o filho, noutras, porém, o filho é vítima da verdade.
Por exemplo, na história da filha do rei que comparou o amor que nutria pelo pai a quem queria tanto bem como à comida com sal. Foi castigada. No fim, o rei e pai rende-se à evidência da grandeza do amor da filha, mas só depois de ter provado comida sem sal...

idênticas...), como também o terem de casar com as três filhas solteiras do homem *"E agora como castigo, de não terem entendido nada do que eu disse hão-de ajudar cada um de vós a queimar a casa ao homem"*.

O mesmo se passa com o desgraçadamente Pedro das Malas Artes que, ao ver passar um enterro, diz *"Destes cada dia um, cada dia um"* e, ao ver passar um baptizado, remata *"Nosso Senhor o leve direitinho para o céu"*. Escusado será dizer que, quer num caso quer noutro, levou uma boa dose de pancadaria...

Por fim, a **sabedoria** pode ser identificada ao Bem, corporizado na imagem da Nossa Senhora da Conceição que ilumina os meninos dentro da arca do milho, na véspera de serem comidos pela velha bruxa, que os aconselha dizendo: *"Quando a velha os mandar da pá do pão, digam-lhe: Primeiro, vá você para nos ensinar! E, então, quando ela estiver em cima dela, empurrem com toda a força e tranquem o forno"*. Aliás, esta passagem faz-nos evocar as palavras que Goethe põe na boca do diabo:

"Despreza só a razão e a ciência,
Forças supremas do Homem...
E logo te terei à minha mercê".

Tal é o caso do homem que deixa de fazer o sinal da cruz. Em troca, o diabo concedeu-lhe inúmeros prazeres terrrenos desregrados: falta de uma sensata consciência dos valores! Liberta-se, arrependido já, quase "in extremis", pela oração das doze chagas que o seu Anjo Custódio lhe confidencia. Moral da história: só o conhecimento permite afastar o Mal.

O mesmo se passa na história da cabacinha que, tendo prometido ao lobo que, na viagem de regresso a casa se deixava devorar, após o baptizado do neto, é aconselhada por Nossa Senhora, que lhe aparece. Cabe-lhe, portanto, o papel que a fé bem característica dos portugueses lhe atribui: de agente da sabedoria e do Bem, capacidade que detém o poder de subverter a ordem da história... Tal como no berço da nacionalidade o aparecimento de Jesus Cristo a D. Afonso Henriques transformou o resultado final da Batalha de Ourique...

Se, porém, conforme foi visto a sabedoria tem um lugar de destaque, uma certa capacidade de se desenvencilhar que, afinal, tanto nos caracteriza, também é grandemente valorizada, como na história dos três estudantes e do soldado. Estes procuraram ludibriar um soldado, mas este no fim é que leva a melhor... Quando já na estalagem, apenas mandam pôr na mesa três pedaços de paio em três pratinhos, o primeiro come-o um estudante; o egundo vai pelo mesmo caminho... e o terceiro engole-o o soldado(pois então, que manhosos eram eles, mas ele também não lhes ficava atrás), *"Em nome do Espírito Santo/Antes que fique em branco"...)*

São páginas que retratam as aventuras dos Lazarilhos de uma peregrinação demente repleta de burlas, enganos e malícias, a que preside a filosofia do senso comum, expressa no adágio popular: *"Cada um por si e Deus por todos"*... É um grito deseperado, refletindo o esquecimento do homem por Deus, ainda que se exprima, por vezes, num esgar cómico e mordaz. É esta a forma de chorar do povo português, um riso (que é choro), indomável, como o mar.

Como conclusão, referiremos que, muito embora as tradições populares, compreendendo respectivamente a literatura oral, as crenças e os costumes, tenham ganho uma considerável importância com o surto do Romantiismo, que se caracterizou pelo reavivar das raízes da identidade nacional, na busca da construção da génese de um povo, hoje em dia permanecemos na teimosa obliteração das raízes genuínas da nossa cultura que, a par e paso, se vai prdendo, ficando sepultada algures nas trevas da memória.

Era uma vez ...

Bibliografia:

A. JOLLES, *Formes Simples*, Paris, Ed. du Seuil, 1972.

POPPER, R., Karl, *Em Busca de Um Mundo Melhor*, Fragmentos, 1989.

LOPES, Maria Adelaide Gomes, *O Conto Como Género Literário*, Revista Educação e Tecnologia, vol. 6, 1990.

PESSOA, Fernando, *Obras Completas*, Edições Ática, 1980.